

AGRICULTURA ALTERNATIVA, AGENCIA E EMPREENDEDORISMO: O CASO DA “HERDADE DO FREIXO DO MEIO” NO SUL DE PORTUGAL¹

Ricardo Luiz Sapia de CAMPOS*

RESUMO: Apresento e discuto caso específico de agricultura alternativa do centro sul do Alentejo, em Monte Mor o Novo, Portugal. O texto foi produzido a partir do trabalho de campo realizado no inverno de 2015. A hipótese aventada é que a Herdade do Freixo do Meio é um sugestivo e privilegiado laboratório de pesquisa que contribui para entender novas formas de desenvolvimento rural e agrícola, bem como de agricultura alternativa que pululam tanto no Brasil quanto em Portugal. A experiência é pensada a partir da formação do agente no contexto duma nova economia dotada de potencial subjetividade e conhecimento. Trata-se assim de uma nova narrativa de sociabilidade em que o agente social tece a sua história no curso da valorização de um “modo de vida” que tem valor em si.

PALAVRAS-CHAVE: *New economy*. Agricultura alternativa. Empresário político. Agente produtivo.

Introdução

Outros, porém, já se levantaram, não no sentido próprio de quem suspirando se arranca ao duvidoso conforto da enxerga, se a há, mas naquele outro e singular sentido que é acordar em pleno meio dia e

* UFG – Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Ciências Sociais. Goiânia - GO – Brasil. 74690-900. Pesquisador. UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Faculdade de Ciências e Letras - Pós-Graduação em Ciências Sociais. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - sapiacampos@yahoo.com.br

¹ Parte do projeto que levou a visita e estudo de caso havia anteriormente sido financiado pela FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo; e, a viagem que possibilitou o trabalho de campo foi financiada pela FAPEG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás quando da apresentação de resultados de outra pesquisa no XII CONLAB, Congresso Luso Brasileiro de sociologia.

descobrir que um segundo antes ainda era noite, que o tempo verdadeiro dos homens e o que neles é mudança não se rege por vir o sol ou ir a lua, coisas que afinal só fazem parte da paisagem, não apenas terrestre, como por outras palavras já terá ficado dito. É bem verdade que há momentos para tudo, e este caso estava fadado para acontecer no tempo da ceifa. À vezes requer-se uma impaciência dos corpos, senão um exaspero, para que as almas enfim se movam, e quando almas dizemos, queremos significar isso que não tem verdadeiramente nome, talvez ainda corpo. Um dia, se não desistirmos, saberemos todos que coisas são estas e a distância que vai das palavras, que as tentam explicar, a distância que vai destas palavras ao ser que as ditas coisas são. Só escrito assim apreço complicado. José Saramago (2000, p.99).

Para quem de Lisboa vai para Évora evitando a autoestrada passa por caminhos tranquilos que levam às belíssimas paisagens de montado passando por Monte-Mor o novo. A Herdade do Freixo do Meio dista cerca de vinte e poucos quilômetros de Monte Mor. Desde 2003 a propriedade com cerca de 400 hectares de terra recebidos de herança pelo idealizador do projeto é certificada para produção biológica (Portugal), ou orgânica (Brasil). Trata-se de propriedade incrustada no centro sul do Alentejo pertencente ao distrito de Monte Mor o Novo. Foi sobre este mesmo local que o prêmio Nobel de Literatura, o escritor José Saramago, escreveu seu conhecido romance inaugural *Levantando do Chão*. O livro de Saramago é literatura obrigatória assim como os escritos do pensador Fernando Oliveira Baptista (2010) para pensar “a questão da terra e de quem nela trabalha” na margem esquerda do rio Tejo.

O projeto da Herdade localizada no Alto Alentejo e certificada como biológica desde 2001 é tocada pelo proprietário e tem faturamento de cerca de cinco mil euros por semana, montante relativamente baixo considerando o total de investimento e terra empregado. A experiência é viabilizada segundo o proprietário, graças a renda proveniente de outra propriedade agrícola da família em terras de montado², tocada de forma convencional na região da Beira Baixa.

² O montado é seguramente um dos mais típicos e antigos modelos de “exploração” agropecuária. Trata-se de um ecossistema tipicamente mediterrânico muito particular e com maior ocorrência no sul de Portugal e que já é integrativo da “paisagem alentejana”. Trata-se de sistema que preserva um rico ecossistema de preservação ambiental que passou a ser valorizado no contexto da necessidade de reversão das formas agressivas de exploração agrícola.

A crítica do proprietário e idealizador do projeto é dura com relação ao esgotamento de um modelo e forma de produzir pautado na extorsão de nutrientes e potenciais naturais da terra com compensações forçadas e aplicações de insumos e adubos químicos. Uma destruição inevitável que só pode ser interrompida pela formação de “nova consciência”, portanto, no curso da experiência formativa do agente. É preciso investir em novas formas de vida que podem ser viabilizadas em mercados alternativos e consumos diferenciados.

Este investimento em capital humano é fundante de um movimento donde estão incluídas “formas de vida” que se alternam a opressão da racionalidade econômica criada e construída com o capitalismo. Como nas palavras de Gorz (2010, p. 31):

A ‘natureza’ que o movimento exige proteger não é a Natureza dos naturalistas, nem a da ecologia científica: é fundamentalmente o meio que parece natural por que suas estruturas e seu funcionamento parecem acessíveis a uma compreensão intuitiva; por que ele corresponde a necessidade de satisfação das faculdades sensoriais e motoras; por que sua conformação familiar permite aos indivíduos orientarem-se por ele, interagirem, comunicarem-se espontaneamente em virtude de aptidões que nunca precisaram ser ensinadas formalmente.

Ou iniciativas correspondentes a uma nova maneira de relacionar com a terra, o consumo e com a vida de maneira geral. “Formas de vida” valorizadas em suas potencialidades ao invés do modelo empacotado da revolução verde que inevitavelmente destruiria o planeta. A ação é um fluxo formativo que promove cotidianamente uma agricultura que mais do que produzir alimentos produz conhecimento e novas formas de produção. Neste caminho a “Herdeira do Freixo do Meio” é uma espécie de laboratório de pesquisa que passa a ser construída e valorizada por sua “produção de vida alternativa”.

O agente (sujeito) e a *new economy*.

Agricultura alternativa é dentre outras, uma prática (ação) agrícola permeada e carregada de significados e saberes humanos que por definição se contrapõe ao modelo convencional pensado como produção de alimentos e, portanto, apenas como “calorias e comodites”. O movimento *slow food*, propõe a prática do chamado “ato agrário” que ao que parece sintetiza muito bem.

O **consumidor** orienta o mercado e a produção com suas escolhas e, aumentando sua consciência sobre estes processos, ele ou ela assumem um novo papel. O consumo se torna parte do ato produtivo e o consumidor se torna então um **coprodutor**. O **produtor** exerce um papel importante no processo, trabalhando para alcançar a qualidade, tornando sua experiência disponível e acolhendo os conhecimentos e saber-fazer dos outros. O esforço deve ser comum e deve ser feito com a mesma consciência e espírito interdisciplinar, como a ciência da gastronomia. Cada um de nós é chamado a praticar e disseminar um novo, mais preciso e ao mesmo tempo mais amplo conceito de qualidade do alimento, baseado em três pré-requisitos básicos e interconectados. A qualidade do alimento deve ser: bom, limpo e justo. (SLOW FOOD BRASIL, 2007).

A escolha dos alimentos seria em si um ato produtivo. O sujeito reúne a condição de produtor e consumidor, sendo, portanto, produtivo neste mesmo ato. (GORZ, 2003; LAZZARATO; NEGRI, 2001). Dotado de capacidades valorizadas pelo mercado, uma vez que ele próprio constrói este mercado (ABRAMOVAY, 2004) o agente, ao mesmo tempo, “produtor e consumidor dotado de senso estético, valores morais e consciência ética, produzem alimentos e “modos de vida”. A prática de uma agricultura alternativa ligada à percepção do ato-agrário³ é expressão dum novo momento de subjetivação que acontece com a crise da chamada sociedade industrial. Agricultura biodinâmica, agroecologia, ecogastronomia⁴, produção orgânica, *fair trade*, organizações como o movimento *slow food*, Terra Madre ou Arca do gosto, ou mesmo outras mais ligadas às técnicas de produção como sistema mandala⁵, permacultura⁶, etc., são expressões desta “agricultura alternativa”.

³ Ato que congrega a figura do produtor e do consumidor com forte potencial de subjetividade atinente a escolha. Para o movimento *Slow food* comer de maneira limpa, justa e com sabor (bom) é um ato produtivo em si. O termo é atribuído ao poeta agricultor norte americano **Wendel Berry** que aponta que “comer é um ato-agrário”, pois produzir alimentos é uma prática cheia de significados e deve ser considerado um ato gastronômico.

⁴ Movimento que prega o uso de alimentos saudáveis, produzidos de maneira sustentável e sem uso de agrotóxicos ou mesmo conservantes químicos. Valoriza sabores e saberes locais via preservação e conscientização ambiental, biodiversidade e responsabilidade social.

⁵ Trata-se de sistema de produção sustentável e com pouca necessidade de energia. Produção em círculos concêntricos tendo na base o reservatório de água donde são criados peixes. A partir deste centro se distribui a água e irriga as diversas e combinadas culturas produzidas em círculo por vários motivos além da irrigação também a construção de barreiras naturais que impede o difusão da permeabilidade de pragas favorecendo o controle biológico.

⁶ Trata-se de sistema de produção agrícola criada por ecologistas australianos **Bill Mollison** e **David Holmgren** na década de setenta. A ideia básica é trabalhar com a natureza se aproveitando desta força sem contrariar. Trata-se

O proprietário e idealizador do projeto da Herdade do Freixo do Meio é formado em zootecnia pela Universidade de Évora. Filho e neto de grandes proprietários agrícolas deixou a universidade com uma formação científica padrão mantendo postura crítica com relação a agricultura convencional. O proprietário é o protótipo do “novo empresário”, ou “empresário político” conforme tema desenvolvido por Antonio Negri (1999) sobre o agente mobilizador de recursos materiais e imateriais que se formava no laboratório de pesquisa dos Distritos Industriais Italianos⁷:

[...] o “empresário político” é aquele que exerce essencialmente sua função produtiva realizando a reunião das condições sociais, administrativas e políticas da produção. Isso significa que, nesse caso a função empresarial vem depois da organização da produção, que se apresenta de maneira autônoma; que a organização autônoma dos fatores produtivos precede o empreendimento. (NEGRI, 1999, p.61).

O empresário político, é conforme aponta Negri (1999), um “sindicalista de nova ordem” capaz de reunir ação e representação na figura de uma única pessoa com articulação política dentro do território ou num projeto de empreendimento ou seguimento empresarial. Nada tem da figura do empresário da “velha ordem” restrito à tarefas burocráticas e gerenciais. Antes disso tem flexibilidade comunicacional conseguindo se “diluir” entre os trabalhadores da Herdade. Conversando com um promotor de Marketing o “proprietário trabalhador” da Herdade discorre sobre os detalhes da produção e comercialização de produtos certificados mostrando uma pasta de pimentão que acabam de produzir. Interrompe a atividade para ajudar a prender uma vaca em seguida auxilia na montagem de uma micro usina de processamento. No percurso conversa em inglês com jovens holandeses que estão visitando a herdade, atende o telefone por vezes fala português, outras em castelhano ou inglês:

dum sistema holístico de produção agrícola. É sustentável e economicamente viável trabalhando com três princípios básicos: o cuidado com a terra, com as pessoas e a partilha de excedentes.

⁷ Os DI – Distritos Industriais italianos conforme literatura corrente, é um aglomerado produtivo que surgiu no nordeste italiano com ênfase nas regiões do **Veneto** e **Emilia-Romagna** na década de sessenta se desenvolvendo nos anos posteriores. A experiência é colocada como “laboratório de pesquisa” desde a sua emergência uma vez que contrariava as previsões correntes de desenvolvimento que apostavam nas grandes indústrias de produção em massa. OS DI são normalmente pequenas e médias empresas, a maioria de origem familiar, que se cristalizaram no território promovendo um bum de desenvolvimento e crescimento com melhoria da qualidade de vida e desenvolvimento social.

O Novo empresário é uma forma de “sindicalista” do trabalho social generalizado. Ele opera internamente na mobilidade dos diferentes atores da produção, ou seja, dentro dos diferentes elementos/atores da cooperação produtiva, seguindo lhes, exprimindo linhas de contato, descobrindo os dispositivos produtivos, desenvolvendo as tendências a se organizar. Neste sentido, devido á hegemonia da grande indústria e do sistema capitalista em geral, ele trabalha para o capital: mas nesta figura totalmente particular, e com a mesma extrema ambiguidade com a qual o antigo sindicalista socialista trabalhava para o capital no sistema da velha empresa. (NEGRI, 1999, p. 66).

O sujeito está se formando em sua capacidade de mobilização total, ou na capacidade de mobilização total de todos os seus recursos como na forma de um “operário social”. (LAZZARATO; NEGRI, 2001). A figura do novo empresário nada mais é que o articulador de ponta de todas estes recursos e capacidades que são resultados da produção do próprio sujeito.

Investimento e “capital humano”

Numa empresa difusa o ambiente de trabalho não reproduz a divisão de tarefas e a impessoalidade de uma empresa fordista. Em se tratando de experiências agrícolas um desafio colocado é o de povoar ou repovoar o campo, conforme aponta o articulador da Herdade freixo do Meio. Um campo que foi esvaziado e despovoado em tempos de hegemonia industrial. Portanto promover festas e recreação, reconstruir escolas e centros de lazer e convivência. Pensar o ambiente enquanto totalidade, ação, voluntariado, festas e recreação, escolas e centros sociais. A herdade é antes de tudo um “local de convivência” de pessoas

Mesmo mantendo postura crítica a Herdade não prescinde do assalariamento enquanto relação de trabalho. Buscam remodelar a relação entre patrão e empregado sem com isso camuflar a desigualdade de condições existente nesta relação conforme se procurou fazer nos tempos de experiências industriais como o **Toyotismo**⁸ onde se propagava que o empregado deveria vestir a camisa da empresa. Isso acontece na valorização do potencial do empregado que apesar de ganhar um salário “compatível” tem uma qualidade de trabalho e assistência diferenciada. É chamado a participar de todas as etapas da produção (a exceção

⁸ Pensado aqui no sentido mais pedagógico possível de fazer com que a totalidade da subjetividade do trabalhador fosse “apropriada” e colocada a serviço do capitalismo (Multifuncionalidade, flexibilidade e controle).

da comercialização), e, assistido em suas demandas com educação, recreação, etc. Para o idealizador do projeto é preciso criar uma nova dinâmica de vida e sociabilidade, não bastando pensar que o ambiente de trabalho mesmo produzindo produtos diferentes e alternativos possa ser o duma fábrica como no modelo fordista. É preciso povoar o campo, se integrar com a terra e a natureza, fazer aqui uma nova sociabilidade com escola, recreação, convivência e tudo mais, declara o anfitrião.

Uma relação que claramente investe na autonomia, mas numa autonomia que corre o risco de ser condicionada pelo comando, conforme ponderam Lazzarato e Negri (2001, p. 30) quando tratam do trabalho imaterial:

É sobre esta base que a questão da subjetividade pode ser colocada como o faz Marx, isto é, como questão relativa á transformação radical do sujeito na sua relação com a produção. Esta relação não é mais uma relação de simples subordinação ao capital. Ao contrário, esta relação se põe em termos de independência com relação ao tempo de trabalho imposto pelo capital. Em segundo lugar, esta relação se põe em termos de autonomia com relação a exploração, isto é, como capacidade produtiva, individual e coletiva que se manifesta como capacidade de fruição.

A relativa autonomia pode representar esfera de intensa exploração uma vez que mobiliza outros e distintos mecanismos de controle e subordinação uma vez que opera elementos linguísticos, afetivos e tudo mais.

A Herdade desenvolve uma outra experiência inovadora: dá em comodato, com contratos que vão até 20 anos o uso da terra mediante condições. A primeira delas, obviamente consiste em trabalhar dentro dos parâmetros da agricultura biológica. Assim, tem experiências tidas como “bem-sucedidas” com galinhas e ovos, mel, verduras, frutas, confecção de tecidos, dentre outras. Cita um exemplo recente da seção em comodato de terras “muito ruins”, segundo declara, em torno de 20 hectares, donde o volume produzido é “quase todo” do cessionário. O investimento, e, portanto, a expectativa de ganho por parte do proprietário cedente é na recuperação do solo. Não de qualquer tipo de recuperação do solo, mas de um solo que depende para sua recomposição dum tempo qualificado que permite ciclos de transformações naturais.

Mas o investimento tem um alcance maior. A Herdade do Freixo do Meio tem dimensão e alcance declaradamente muito maior que a de produção de alimentos, ainda que estes diferenciados. Tem como objetivo a construção de

novas e diferentes formas de vida que valorize aspectos ligados a natureza e sua transformação vis-à-vis harmoniosa. O principal ganho desta última seção de 20 hectares prevê além da melhoria do solo, dentro dos princípios ligados a agricultura biológica, também a recuperação de uma casa de moradia que andava abandonada há décadas. Portanto o investimento é de recomposição da vida em ambientes rurais potencialmente esvaziados com a hegemonia da sociedade industrial.

Alguns que pegaram terras neste sistema rapidamente devolveram, outros passaram por experiências de anos com reformulações e forma de produzir ou tipo de produção, mas mesmo assim acabaram por entregar as terras; uma minoria dos que pegaram terras em comodato, avaliada muito positivamente pelo proprietário continuam na atividade uns com maiores adversidades e dificuldades, outros de maneira melhor consolidada na experiência. Lembrando que o projeto bem como a produção é individual, ainda que obviamente adequada às condições da produção biológica da propriedade.

Outra estratégia é a promoção do turismo rural como forma de conscientizar e construir senso crítico nas pessoas. A venda de serviço é apenas uma estratégia de conscientização que procura mais do que demonstrar, promover a prática de um modo de vida diferenciado que é tanto viável quanto possível. Portanto não se trata apenas de produzir, processar e vende carne, pães, embutidos, chá, vinho, queijos, leite, verduras, aves, compotas de doces, mel, frutas secas e frescas, tudo biológico ou orgânico, como faz Herdade; investir no sistema biodinâmico utilizado na forma da produção em mandala⁹ conforme tem sido praticado. É preciso "viver" esta nova realidade pela via da experimentação que passa pelo turismo, por promoção de acampamentos de férias, por festas como as do outono e da primavera, conforme têm praticado.

A postura crítica com relação aos parâmetros de institucionalidade estatal é uma outra dinâmica normal em empresas como estas. Experiências como da Herdade precisam ser abertas a construção de novas institucionalidades. As empresas com políticas e certificação reguladas pelo Estado são, muitas vezes, braço de empresas de produção de modelo convencional. Manter-se crítico diante delas não é uma postura moral, mas um condição *sine qua non*, já que a inventividade é uma prática corriqueira e cotidiana.

⁹ Sistema agrícola sustentável feito em círculos em que cada anel é destinado a um tipo de cultivo e donde um ajuda o outro a viver.

Mantêm uma loja de comercialização dos produtos com o selo “Herdade do Freixo do Meio” na capital Lisboa, distante cerca de 150 quilômetros. A outra loja na sede do município de Montemor o Novo, distante cerca de 14 quilômetros foi fechada justamente por falta de “consumidores conscientes”. Cerca de 80% do que comercializam é integralmente produzido na herdade, os outros 20% é comprado de empresas “parceiras” ou “amigas”, mas adverte: “não vendemos nada produzido para além dos Pirineus”.

Conclusões

A Herdade Freixo do Meio é uma espécie de “empresa de nova ordem”. Além da recuperação de gostos e sabores com proposta de preservação de produtos tem a pratica da diversidade e da invenção. Bem mais do que produzir embutidos vegetais, pães de farinha de bolota¹⁰, e processados de carne patês de ervas autóctones dentre outras iguarias exóticas, produz e investe na produção de “modo de vida”, na recomposição de paisagem e de valores que, segundo os “investidores” é cada vez mais social e economicamente valorizada no contexto de novos mercados que estão sendo formados.

O agente no contexto de uma nova narrativa e práxis de vida é mobilizado na sua totalidade. São valorizados como tal – operários sociais. Os consumidores de produtos alternativos são construtores de demandas (sociais e de produtos), sendo ao mesmo tempo agentes que consomem, propagandeiam, constroem demandas e se relacionam socialmente na alternatividade de produtos e da produção. O proprietário e idealizador do projeto é um coparticipe que arregimenta e organiza a produção com a clara distinção de ser portador exclusivo do poder material, ou seja da propriedade da Herdade Freixo do Meio.

ALTERNATIVE AGRICULTURE: ACTION AND ENTREPRENEUSHIP. THE CASE GIVES: “HERDADE DO FREIXO DO MEIO” THE SOUTH PORTUGAL

ABSTRACT: *I present and discuss the specific case of alternative agriculture in southern Alentejo in Montemor-o-Novo, Portugal). The text was produced upon fieldwork carried out*

¹⁰ A bolota é o fruto do sobreiro. Além de utilizada na alimentação dos “porcos pretos” que se alimentam no sistema de montado, a farinha de bolota passa a ser reutilizada na fabricação de pães e na culinária de maneira geral, sendo considerada uma iguaria gourmet. Na visita que resultou este texto, o proprietário da Herdade pontuava que atenção especial é dada neste momento a farinha e produtos da bolota, e também ao tremçoço. Estes seriam os dois principais produtos autóctone da região que estão sendo valorizados pelo mercado.

in winter 2015. The hypothesis proposed is that Herdade do Freixo do Meio is a suggestive and privileged research laboratory which contributes for understanding new forms of rural and agricole development, as well as new modes of alternative agriculture that thrive in Brazil and in Portugal. The experience is thought from the point of the formation of the agent in the context of a new economy with potential subjectivity and knowledge. Therefore, this is a new narrative of sociability in which the social agent builds his history in the corse of valuing a "way of life" which, by itself, has been valued.

KEYWORDS: *New economy. Alternative agriculture. Impresario political. Agent product.*

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. Entre deus e o diabo: mercados e interação humana nas ciências sociais. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 35–64, 2004.

BATISTA, F. O. **Alentejo**: a questão da terra. Castro Verde: 100 Luz, 2010.

GORZ, A. **Ecológica**. São Paulo: Annablume, 2010.

LAZZARATO, M.; NEGRI, A. **Trabalho imaterial**: formas de vida e produção de subjetividade. Rio de Janeiro: DP&, 2001.

NEGRI, A. O empresário político. In: URANI, A.; COCCO, G.; GALVÃO, A. P. (Org.). **Empresários e empregos nos novos territórios produtivos**: o caso da terceira Itália. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p.59-75.

SARAMAGO, J. **Levantando do chão**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.

SLOW FOOD BRASIL. **Movimento Slow Food**. 04 jul. 2007. Disponível em: <<http://www.slowfoodbrasil.com/slowfood/o-movimento>>. Acesso em: 28 maio 2016.

Submetido: 07/06/2016

Aprovado: 04/10/2016